



VALMIR NASCIMENTO

COSMOVISÃO PENTECOSTAL

DESENVOLVENDO UMA
VISÃO DE MUNDO
MOLDADA PELO ESPÍRITO

COSMOVISÃO PENTECOSTAL

Desenvolvendo uma visão de mundo
moldada pelo Espírito

Prefácio

As dinâmicas da cosmovisão pentecostal têm um impacto cada vez mais forte na esfera pública e precisam ser mais bem pensadas e refletidas na teologia e na eclesiologia pentecostal, teorização esta que ainda está repleta de lacunas que podem levar ao agir incompleto ou equivocado por parte dos pentecostais. A obra *Cosmovisão Pentecostal*, do Pr. Valmir Nascimento, é uma das obras que vem preencher essas lacunas. O autor já produziu outras obras de relevância para o meio pentecostal e tem uma boa inserção e conhecimento do mundo pentecostal. Sua erudição e capacidade de expor o assunto não deixam nada a desejar aos grandes pensadores e teólogos, não somente pentecostais, mas também das outras confissões de fé.

Portanto, você tem mãos um livro que representa uma das melhores obras da primavera erudita pentecostal. A estrutura metodológica do livro é muito bem organizada, a escrita é clara e a leitura é leve e fácil, muito embora a obra expresse pensamentos complexos, mas é cativante e envolvente ao leitor, tanto ao erudito quanto ao leigo. Dentre os pesquisadores e pensadores que surgiram no pentecostalismo, destaco o autor deste livro, o Doutor Valmir Nascimento, que tem se dedicado à

compreensão e aprofundamento da fé e da prática pentecostal. O autor é membro atuante e dedicado em sua igreja e, portanto, compreende de forma entranhável o que escreveu neste livro.

O autor acessou importantes pensadores no campo da teologia, filosofia e sociologia que abordaram o assunto, sem perder a originalidade do seu pensamento e escrita, bem como Valmir demonstra afetos, racionalidade, experiência e dogmas cristãos para embasar suas ideias e dar originalidade pentecostal ao assunto, sendo a primeira vez em território brasileiro que um pentecostal escreve sobre este assunto, rompendo a hegemonia de uma cosmovisão cristã ancorada prioritariamente no calvinismo, a qual não consegue dialogar com o pentecostalismo e muitas vezes até nega os pressupostos pentecostais.

A cosmovisão pentecostal é uma forma de entender o mundo e a vida a partir da perspectiva do movimento pentecostal, que se originou no início do século XX. Ela é baseada na experiência direta com Deus, por meio da conversão de ruptura, vida de oração e de adoração, especialmente através do batismo no Espírito Santo, como uma experiência distintiva dos demais segmentos religiosos cristãos, acompanhada pelo falar em línguas como uma capacitação para o serviço, uma evidência da presença do Espírito Santo e consequente transformação interior (santidade) tendo como resultado uma ética comprometida com a comunhão, a proclamação, o ensino e a diaconia, que se projeta sobre a esfera pública.

Ela tem ênfase na Bíblia como fonte primária e principal, portanto, na autoridade das Escrituras em questões de fé e prática, bem como uma visão escatológica que espera a vinda de Cristo. Entretanto, o sobrenaturalismo dos milagres e das curas apontam para a antecipação do Reino de Deus, promovendo libertação, transformação e vida abundante, mesmo em meio a situações caóticas, por meio do mover constante, vibrante e poderoso do Espírito Santo através do cristão, de forma individual e da igreja, de forma coletiva.

Uma frase destaque do livro, que delimita o rumo que o autor tomou, é: “Razão pneumaticamente inspirada, porque recebe o ímpeto do Espírito e conduz a uma forma de ser-no-mundo com implicações espirituais, éticas e sociais”. Assim, o autor coloca eficazmente as bases

para essa abordagem na Parte I com os Fundamentos da Cosmovisão Pentecostal, discorrendo sobre sua necessidade, conceitos de cosmovisão, cosmovisão bíblica e como se organiza e opera a mentalidade pentecostal, alinhando racionalidade, experiência e afetividade, sempre na dinâmica da orientação do Espírito Santo. Na parte II, Cosmovisão Pentecostal Aplicada, o Pr. Valmir Nascimento aborda a integralidade do evangelho pleno e a inserção pública do pentecostalismo no Brasil, e nos dois capítulos finais trata da questão do enfrentamento da fome no mundo como uma proposta espiritual de plenitude para as demais esferas da vida humana, da maneira que a aplicação correta da cosmovisão pentecostal pode operar em outras áreas. Obviamente que a questão da fome é apenas uma faceta exemplar que o autor expôs de uma multiplicidade de situações nas quais a aplicação da cosmovisão pentecostal pode atuar na esfera pública, como a política, que também é abordada no texto em apreço.

A cosmovisão pentecostal proposta por Valmir se baseia no evangelho quíntuplo, para além da compreensão espiritual, normalmente enfatizada pelos pentecostais. De forma abrangente, se desdobrando para a salvação, cura e santidade, numa antecipação do Reino de Deus que se propaga através da renovação que o Espírito Santo está propalando como agente criador e renovador, sem a dicotomia de outras matrizes cristãs, segundo as quais o Espírito criador atuou na criação, mas depois praticamente se ausenta da obra criada. Valmir salienta que o Espírito está ativo e que sua obra criadora se estende à renovação de todas as coisas criadas, inclusive agindo sobre os seres humanos e no ambiente no qual se desenvolve a cultura, a economia e a religião.

O Pr. Valmir Nascimento fez algo que está no cerne da teologia pentecostal raiz, bem como nos relatos bíblicos e que eu particularmente aprecio muito, ou seja, contou histórias cativantes no seu fazer teológico sem perder a coerência acadêmica. Mostrou na prática como se faz Teologia Narrativa, especialmente ao contar a história da cosmovisão pentecostal de Denis Muqwege e outros personagens presentes no texto.

Saliento a importância de uma cosmovisão pentecostal, porém reafirmo o que o Pr. Valmir Nascimento abordou neste livro, quanto a alertar sobre o caráter idolátrico que uma cosmovisão pode incor-

porar quando esta se torna mais importante que a Palavra de Deus ou mesmo maior que o Deus amoroso para o qual ela aponta. Além do caráter idolátrico inerente às cosmovisões, pode-se incorporar uma idolatria velada em forma de ideologia cristã pentecostal, tão vil quanto qualquer idolatria.

Para tratar das questões práticas da cosmovisão pentecostal, Valmir Nascimento foca a recente inclusão dos pentecostais na esfera pública na atuação política partidária. Neste sentido, Valmir discerne com muita clareza, dentre outros, um dos maiores problemas que o pentecostalismo precisa enfrentar na esfera pública: o desejo de dominação política de forma teocrática e dominadora, colocando em risco a democracia, a relevância pública do pentecostalismo, bem como sua voz profética. Ele ainda aponta para o messianismo político e a disputa eleitoral como mera batalha espiritual, comprometendo a participação pública do pentecostalismo nessa esfera. Com isso, o autor demonstra a necessidade que temos de aplicar, também na esfera pública, os pressupostos pentecostais bíblicos, sem se perder em ideologias nem sempre compatíveis com a fé cristã, necessidade essa demonstrada na frase “o pentecostalismo não goza de tradição de seus pressupostos pneumatológicos às demais esferas da sociedade, notadamente no ambiente político”. O enfrentamento dessa observação afastaria os pentecostais das tentações da teologia do domínio, criada pelos pressupostos neocalvinistas e praticadas pelas igrejas neopentecostais.

Atualmente, no Brasil, a inserção política dos pentecostais tem se restringido, com poucas exceções, às questões morais, as quais são importantes, mas a exclusividade das pautas morais eclipsa outros problemas graves que afetam os brasileiros, como a fome e a justiça social. Dessa forma, o autor propõe uma inserção política, social, econômica e religiosa seguindo as diretrizes da Igreja Primitiva e termina com uma conclamação profética para a comunhão e a partilha diaconal, a partir do relato de Atos dos Apóstolos, que atenda ao pobre e ao necessitado, alinhado assim com os demais textos das escrituras, especialmente os profetas do Antigo Testamento e as orientações de Jesus quanto ao assunto. Embora a questão da fome seja apenas um exemplo de atuação, como já demonstrei em parágrafo anterior. O autor diferencia

Prefácio

sua abordagem bíblica na questão social quanto ao pobre da proposta marxista proposta pela Teologia da Libertação e de que forma esta contraria alguns preceitos bíblicos.

A questão da justiça social, e mais especificamente a questão da fome abordada por Nascimento neste texto, é um tema do qual se ocuparam o Senhor Jesus, os profetas e apóstolos, mas as vezes é esquecida entre nós e até mesmo criticada e classificada por alguns como sendo “esquerdista”, porém, isento de ideologias, eu coaduno com o autor quanto à profunda preocupação bíblica que o assunto enseja, como um tema que perpassa quase todos os livros da Bíblia.

A cosmovisão pentecostal é importante porque valoriza a experiência espiritual, enfatizando uma conexão pessoal e direta com Deus, equilibrando racionalidade e afetividade, produzindo resiliência e esperança em tempos difíceis e promovendo coragem para enfrentar a vida na dinâmica renovadora do Espírito Santo, ciente do poder de Deus que intervém nas situações do dia a dia e dá aos crentes uma perspectiva positiva diante das adversidades e, conforme bem salientou Valmir em todo o seu texto, produz uma teologia com uma inserção saudável e renovadora na esfera pública.

Que Deus abençoe você ao ler este livro o qual recomendo, incentivando o autor a continuar nas suas tarefas educativas, provocativas e propositivas de pesquisa pentecostal.

Dr. Claiton Pommerening
Diretor da Faculdade Refidim e Colégio CEEDUC;
conferencista; autor de livros e de Lições Bíblicas Adultos pela CPAD.

Janeiro de 2025

Sumário

Prólogo.....	13
---------------------	-----------

Introdução	15
-------------------------	-----------

Capítulo 1

Nós Precisamos de um Mapa para Andar pelo Mundo.. .. .	23
---	----

Capítulo 2

Um Breve Conceito de Cosmovisão e a sua Aplicação Cristã.	37
---	----

Capítulo 3

Cosmovisão Bíblica e a sua Ênfase Pentecostal.. .. .	53
--	----

Capítulo 4

Moldando uma Mentalidade Pentecostal	79
---	----

Capítulo 5

A Razão Divinamente Inspirada	103
---------------------------------------	-----

Capítulo 6

Cosmovisão e Pentecostalidade: Guiados pelo Espírito.	119
--	-----

Capítulo 7

Pentecostalismo na Esfera Pública a partir do Evangelho Pleno	135
--	-----

Capítulo 8

A Fé Pentecostal e o Problema da Fome no Mundo Contemporâneo	155
---	-----

Capítulo 9

Uma Resposta à Pobreza e à Desigualdade Social	167
--	-----

Epílogo	179
----------------------	------------

Referências.....	181
-------------------------	------------

Prólogo

Nasci de novo aos dezenove anos, no ano de 1997, ainda residindo na pequena cidade de Pontes e Lacerda, no interior do estado de Mato Grosso. Minha caminhada com Cristo começou após vivenciar experiências espirituais marcantes e sentir a graça e o perdão divinos inundarem meu coração, após responder ao apelo durante uma pregação em um domingo à noite.

Ao longo da minha trajetória de vida e fé, uma questão tem me acompanhado como uma inquietação persistente: o que significa ser um cristão pentecostal no mundo de hoje? Como alguém que teve experiências profundas com Deus, desde o novo nascimento até o batismo no Espírito Santo, descobri que minha fé firmada no sobrenatural não poderia ser confinada apenas às quatro paredes da igreja. A convicção de que o pentecostalismo tem algo a dizer — tanto à igreja quanto à sociedade — foi crescendo à medida que minha jornada pessoal, acadêmica e ministerial se desenvolvia.

Parte dessa inquietação emergiu da minha caminhada intelectual, tanto como jurista quanto como teólogo. Nos anos em que me dediquei

ao estudo da cosmovisão cristã e da teologia pública, como professor e escritor, percebi que a maior parte das obras que apresentavam a fé cristã como uma visão de mundo abrangente não incluía perspectivas de pensadores pentecostais. Essa ausência, inicialmente, me levou a supor que o pentecostalismo não tinha contribuição relevante nesse campo. Mas, com o passar do tempo, minha visão começou a mudar.

Agora entendo que o pentecostalismo passou por diversos estágios e hoje encontra-se na praça pública, mostrando que não somente é capaz de contribuir com as questões dessa esfera, mas que é uma voz imprescindível também para o bem comum.

Estou convicto de que o pentecostalismo, enquanto expressão do cristianismo bíblico e primitivo, com sua abertura ao sobrenatural, seu fervor devocional e sua compreensão integral da graça, possui um rico potencial para dialogar com as grandes questões da nossa época. No entanto, para isso, precisamos aprender a articular melhor nossa fé e nossa visão de mundo. Este livro nasce desse desejo: explorar e demonstrar como a espiritualidade pentecostal pode oferecer respostas significativas aos dilemas da modernidade, ao mesmo tempo em que permanece fiel às suas raízes bíblicas e experiências transformadoras.

O objetivo aqui não é apenas descrever o que significa ser pentecostal, mas também refletir sobre como nossa fé pode moldar nossa forma de pensar, viver e engajar com o mundo. Com base nas Escrituras e na história da nossa tradição, irei defender que o pentecostalismo fornece *uma cosmovisão renovada para a vida* e proporciona uma mente divinamente inspirada!

Introdução

Como podemos definir o pentecostalismo? Essa é uma pergunta vital e ao mesmo tempo difícil de ser respondida, pois ela nos leva diretamente para a identidade distintiva da fé pentecostal.

Inegavelmente, podemos afirmar que o pentecostalismo, na sua versão moderna, é a expressão do modelo de vida cristã que caracterizou a Igreja Primitiva; a continuidade da história da comunidade apostólica e dos primeiros cristãos, conforme lemos em Atos dos Apóstolos, marcada pela devoção intensa, fervor espiritual, batismo no Espírito Santo, dons espirituais, curas, expulsão de demônios, testemunho impactante e outras obras no poder do Espírito.

Embora esse aspecto seja um entendimento comum dentro do pentecostalismo, o questionamento inicial ganha maior relevância quando se discute a respeito da sua taxonomia, isto é, a sua classificação. Afinal, é o pentecostalismo *um movimento* baseado na experiência, *uma teologia* bem definida ou *uma cosmovisão* capaz de dirigir os diversos aspectos da vida, inclusive para a esfera pública?

Os estágios do pentecostalismo: do movimento à cosmovisão

Proponho que a resposta a essa indagação pode se dar em termos históricos, avaliando o desenvolvimento do pentecostalismo em paralelo com a alvorecer da Igreja Primitiva. Para essa compreensão, sugiro três estágios.

O primeiro estágio vivenciado pelo pentecostalismo foi o *Estágio do Cenáculo*, enraizado nas experiências espirituais intensas que marcaram o início do avivamento.

Assim como a fé dos primeiros cristãos floresceu nesse quarto privado, onde frequentemente se reuniam e estiveram com o Senhor Jesus, inclusive na noite que antecedeu o seu martírio, local também onde possivelmente receberam o revestimento de poder por meio do batismo no Espírito Santo (At 2), a versão moderna dos primeiros pentecostais, tendo como referência o avivamento que ocorreu nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, também se conduziu por uma busca intensa do poder divino e pela vivência.

Nesse estágio, o foco não era criar uma teologia formal, mas *viver a teologia* por meio das experiências com o Espírito Santo. Assim como nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos, o cenáculo representa o local de habitação e convivência privada dos cristãos. Nesse ambiente ocorreram eventos significativos que formaram a base da fé pentecostal, refletindo a primeira fase dinâmica do movimento.

O segundo é o *Estágio do Átrio*, fazendo alusão aos arredores do Templo, onde Pedro possivelmente pregou para a multidão (At 2.14 e seguintes). O Átrio representa a área onde o povo se reunia para ouvir ensinamentos e participar de práticas religiosas. É um espaço de interação pública e instrução. Conforme French Arrington, o apóstolo Pedro, em seu discurso pneuma, reflete suas convicções claras: “Ele já não tem dúvida sobre o Salvador e a missão do Salvador e interpreta o significado da vida e ministério de Jesus”¹.

Na época do Novo Testamento, o Templo de Jerusalém era organizado em diversos pátios que refletiam a hierarquia social e religiosa da sociedade israelita. O Pátio dos Gentios, acessível a todos, inclusive aos não judeus, era seguido pelo Pátio das Mulheres, reservado a todas as mulheres judias. Mais adiante, o Pátio de Israel, ou dos Homens, era exclusivo para homens judeus puros. Por fim, o Pátio dos Sacerdotes, acessível apenas aos sacerdotes em serviço, continha o Altar dos Holocaustos e o Lavatório de Bronze.

O Pátio dos Gentios era o maior, e cercava todo o santuário. Nesse recinto era permitido a qualquer pessoa, judeu ou gentio, circular

¹ ARRINGTON, French. *Comentário Bíblico Pentecostal* – Novo Testamento – Vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 635.

livremente e fazer qualquer coisa desde comprar e vender mercadorias até discutir questões sobre Deus. Os gentios (estrangeiros, descrentes, pagãos, etc) estavam autorizados a acessar essa parte externa em volta do Templo, mas não podiam ingressar nos pátios internos, separados por uma barreira² de 1,4 metro de altura.

É significativo e ricamente simbólico o fato da primeira pregação cristã ter acontecido exatamente nesse local, porquanto representa a saída do âmbito privado para englobar a esfera pública. Da mesma forma, o *Estágio do Átrio* no desenvolvimento da Teologia Pentecostal revela a necessidade de comunicar as experiências espirituais e os fundamentos teológicos de maneira que sejam acessíveis e significativos para a comunidade mais ampla.

Esta fase é caracterizada pela comunicação e exposição dos fundamentos bíblicos das manifestações pentecostais. Tal estágio se compara ao desenvolvimento de uma teologia mais estruturada, buscando articular as crenças de maneira consistente e compreensível, a partir de seus pressupostos e distintivos, sem perder o vigor e o dinamismo espiritual que marcaram o início do movimento.

Nas últimas décadas, o pentecostalismo tem avançado para um terceiro estágio, caracterizado por uma reflexão mais ampla sobre sua posição no mundo e seu impacto na sociedade. Este estágio, que chamo de *Estágio da Praça Pública*, faz alusão ao avanço dos cristãos primitivos para as ruas, cidades e ambientes públicos, refletindo uma transição de um movimento religioso para uma cosmovisão que interage com diversas esferas da vida pública, incluindo política, economia e cultura. Isso decorre da expansão do pentecostalismo no mundo e a presença dos crentes cheios do Espírito Santo em vários setores da sociedade. Ao mesmo tempo, é o resultado da produção recente de diversos pensadores pentecostais.

No *Estágio da Praça Pública*, o pentecostalismo busca expandir seu entendimento além dos limites eclesiásticos, engajando-se de

² Segundo o historiador judeu Flávio Josefo, treze placas de pedra com inscrições em grego e em latim foram colocadas ao longo da barreira, advertindo os gentios a que não entrassem. Nas palavras de Josefo: “Havia uma divisão feita de pedra [...]. Sua construção era muito elegante; sobre ela, ficavam pilares, em distâncias iguais entre um e outro, anunciando a lei de pureza, em grego e em outras letras romanas, dizendo que ‘nenhum estrangeiro deveria entrar no santuário’” (Guerras, 5.5.2).

maneira significativa com questões sociais contemporâneas. Este estágio é marcado por uma teologia que se lança para a vida comum, promovendo uma visão de mundo que valoriza tanto a experiência espiritual quanto a ação social, ao mesmo tempo em que enfrenta os desafios no campo moral³.

O desenvolvimento desse estágio pode ser comparado à pregação de Paulo em Atenas, conforme relatado em Atos 17. Paulo, ao se deparar com a diversidade cultural e religiosa da cidade, utiliza um contexto público — o Areópago — para apresentar o evangelho de maneira que ressoe com a audiência filosófica e curiosa. Ele observa as práticas religiosas atenienses e utiliza um altar dedicado ao “Deus Desconhecido” como ponto de partida para explicar a mensagem cristã. Paulo estabelece um diálogo respeitoso e intelectual, conectando a fé cristã às preocupações e buscas espirituais dos ouvintes.

Semelhantemente, o *Estágio da Praça Pública* do pentecostalismo implica uma interação consciente e estratégica com a sociedade. Os crentes pentecostais começam a participar ativamente das questões socioculturais, econômicas e políticas. Este estágio traz consigo desafios significativos. Envolve lidar com a complexidade de questões sociais e políticas contemporâneas, sem perder o vigor espiritual que forma a sua identidade; implica em se fazer presente na cultura e na sociedade, sem se valer de formas de cosmovisões que, apesar de cristãs, não contêm os mesmos pressupostos e compromissos teológicos que enfatizam o aspecto sobrenatural, o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais.

Uma vez que o testemunho pentecostal na sociedade e a sua influência cultural guarda pertinência com os elementos caracterizadores de sua devoção privada, resta saber se a fé pentecostal é capaz de articular uma cosmovisão abrangente, uma visão de mundo que considere tanto os aspectos privados quanto públicos.

O propósito deste livro é mostrar exatamente que a fé pentecostal corresponde essencialmente a uma cosmovisão abrangente, sem perder sua vitalidade. Ou seja, enquanto mantém suas características de

³ Cf. BAPTISTA, Douglas. *O ethos pentecostal na esfera pública: Valores cristãos, política e suas relações com o Estado Democrático de Direito à luz da Declaração de Fé Assembleiana*. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.

um movimento dinâmico e vivo, que enfatiza o valor da experiência, tendo Atos dos Apóstolos como paradigma, e se firme em uma teologia consolidada que articula suas convicções bíblicas centrais, avança para se estabelecer como uma cosmovisão integral, que direciona a forma de enxergar e viver no mundo.

Para tanto, é absolutamente importante entender que o pentecostalismo aqui apresentado e defendido não é um mero segmento do cristianismo, senão o próprio cristianismo bíblico e apostólico. Isso guarda pertinência com aquilo que Bernardo Campos denominou de pentecostalidade, um princípio orientador e prático da experiência fundada no Pentecostes, que orienta a vida da Igreja.

Uma visão panorâmica do livro

O presente livro está dividido em duas partes. A primeira aborda os fundamentos da cosmovisão pentecostal. Nessa seção, exploro o conceito de cosmovisão a partir de suas raízes filosóficas e bíblicas, analisando como esse termo passou a ser aplicado no contexto evangélico. Após destacar alguns cuidados necessários na abordagem, apresento a noção de uma cosmovisão pentecostal que dialoga com a tradição cristã, mas que se diferencia por sua abertura ao sobrenatural, sua ênfase na comunidade e na missão, e sua marcante expectativa escatológica.

Como será evidenciado, a cosmovisão pentecostal incorpora o elemento da renovação à narrativa teológica cristã tradicional — Criação, Queda, Redenção e Glorificação — conferindo-lhe uma dimensão dinâmica e vivencial. Além disso, proponho uma racionalidade pentecostal, uma base epistemológica que, ao mesmo tempo em que confronta o racionalismo iluminista, é prática e integra a valorização dos afetos, orientando-se para um propósito: a realização do Reino de Deus e a conformação à imagem de Cristo.

A segunda parte do livro é voltada para a aplicação da cosmovisão pentecostal nas diversas esferas da vida. A partir da perspectiva do evangelho pleno, são discutidos temas desafiadores e relevantes, como a presença pentecostal na esfera pública, a relação entre fé e política, e respostas às crises sociais, como a fome, a pobreza e a desigualdade. Esta seção traduz a teologia em prática, fornecendo diretrizes para uma

atuação coerente e profética em um mundo cada vez mais necessitado de esperança e transformação.

Oro para que este livro seja uma bênção e desperte em você o desejo de viver nos domínios do Espírito, com uma visão alimentada pela graça e esperança!

Parte I

Fundamentos de uma Cosmovisão Pentecostal

Capítulo 1

Nós Precisamos de um Mapa para Andar pelo Mundo

Há alguns anos, decidimos fazer uma viagem de férias em família para Gramado, a bela e charmosa cidade que fica no Rio Grande do Sul. Tudo planejado. Pegaríamos um voo até Porto Alegre e de lá iríamos de carro até a “Suíça brasileira”. Porém, desde o início, alguns imprevistos começaram a surgir. Em Cuiabá, nosso voo foi cancelado, e depois de muita insistência e uma boa dose de paciência, conseguimos ser realocados em outro avião, que decolaria apenas algumas horas mais tarde. Pelo menos conseguimos outro voo, pensei comigo!

Chegando a Porto Alegre, pegamos um carro e partimos rumo ao nosso destino. O sol já havia se recolhido, e a noite, com sua escuridão suave, começava a cobrir os céus. Embora eu já tivesse feito o percurso antes, não estava totalmente familiarizado com a estrada. Por precaução, configurei o GPS (Global Positioning System), tendo Gramado como destino. Contudo, escolhemos tomar a Rota Romântica para a viagem, que fica entre a planície do Vale do Sinos e o planalto da Serra Gaúcha, conhecida pela sua exuberância e jardins floridos.

Enquanto seguíamos viagem, a determinada altura o GPS me orientou a virar à direita numa estrada que subia por um morro. A estrada parecia tranquila à primeira vista, mas após uns 300 metros, comecei a notar que era um pouco sinuosa e erma. Sob uma chuva fina, achei melhor fazer o contorno, pegando outro curso. Ao manobrar o veículo na subida do morro, a roda do carro caiu em uma vala na encosta, deixando o veículo preso, parcialmente atravessado na estrada. Saímos rapidamente do carro e logo percebemos que o dano era maior do que pensávamos — o veículo estava preso e com parte da mecânica afetada. Não restou outra opção a não ser chamar o guincho e terminar o trajeto com a ajuda de um motorista de táxi.

Esse incidente me levou a três reflexões. Primeiro, nunca se apresse em remarcar seu voo logo após um cancelamento. Segundo, a Rota Romântica revelou-se menos romântica do que eu esperava. Terceiro, o GPS é um excelente guia, mas pode fazer você passar por grandes dificuldades. Nesse episódio, o problema foi que a rota sugerida era a mais curta, porém não necessariamente a mais segura ou a melhor.

Guiados por algum GPS

Esse episódio também me faz lembrar que, assim como os sistemas de navegação por satélite usados em veículos e smartphones, cada um de nós possui um tipo de “GPS” interno que nos guia ao longo da jornada da vida. Em cada decisão que enfrentamos, sobre os mais variados assuntos, somos direcionados — consciente ou inconscientemente — para o caminho a seguir. Isso lembra muito o conceito de cosmovisão: a maneira como vemos o mundo e como ela influencia as direções que seguimos. Todos os dias somos compelidos a tomar uma série de decisões na vida, algumas simples, outras complexas. Mas quais crenças, valores e normas morais compõem nosso mapa da vida, guiando essas decisões e definindo nossas ações? O que orienta nossa forma de enxergar o mundo, a sociedade e a vida como um todo?

Independentemente do grau de instrução ou nível social, cada pessoa possui um conjunto de crenças e compromissos que norteiam a maneira como encara a realidade e conduz a vida. Esses elementos

moldam nossas deliberações e escolhas, influenciando desde a preferência por um modelo político até a compreensão sobre sexualidade, família, economia, direito e Estado. Todas essas concepções passam pelo nosso filtro mental individual e são definidas pela nossa visão de mundo, orientando estilo de vida e comportamentos.

Significa dizer que nenhuma pessoa toma decisões dentro de um vácuo existencial, sem considerar sua história, experiência, cultura, valores morais e princípios religiosos, pois todas essas coisas modelam e estruturam a nossa percepção da realidade, isto é, a nossa cosmovisão.

Definindo cosmovisão

Em língua portuguesa, cosmovisão é a tradução da palavra alemã *weltanschauung*, que significa “modo de olhar o mundo” (*welt* – mundo, *schauen* – olhar), ponto de vista ou concepção de mundo. Esse conceito será mais bem explorado no próximo capítulo. Por ora, cabe dizer que *weltanschauung* envolve um conjunto de suposições e crenças que utilizamos para interpretar e formar opiniões acerca da nossa humanidade, propósito de vida, deveres no mundo, responsabilidades para com a família, interpretação da verdade e questões sociais¹.

Para simplificar o entendimento, a cosmovisão é comparável a dois objetos. Em primeiro lugar, é como uma lente através da qual enxergamos a realidade e interpretamos o mundo; se a lente for azul, enxergamos o mundo nessa cor; se verde, nessa tonalidade. Em segundo lugar, a *weltanschauung* se assemelha a um mapa que nos guia diante da complexidade da vida, orientando a conduta. Em nossos dias, o exemplo do mapa é mais bem representado pelo GPS, como illustrei anteriormente.

Embora esses dois exemplos sejam válidos e ilustrem didaticamente o significado de uma cosmovisão, eles não conseguem, como qualquer simbologia, captar toda a complexidade do conceito. Além disso, enquanto a lente e o GPS são objetos externos ao indivíduo, a cosmovisão forma a própria consciência interna da pessoa. Talvez seja mais preciso dizer que a cosmovisão *fornece* tanto uma lente, que nos permite enxergar o mundo, quanto um mapa, que nos guia através dele.

¹ PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta*: libertando o cristianismo do seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 25.

Antes de ser um instrumento de ação e conduta, a cosmovisão resulta da busca humana por significado, propósito e verdade. Uma vez que o ser humano é um ser anelante, cujo coração clama por sentido e ordenação, dentro do drama da existência, a cosmovisão é a forma como ordenamos mental e afetivamente todas essas coisas, dando senso direcional para a vida e afastando a angústia da existência. De acordo com Mário Ferreira dos Santos, a existência de múltiplas cosmovisões decorre de três fatores: primeiro, um anelo de saber integral; segundo, uma busca pela apreensão de uma totalidade e; terceiro, uma busca pela solução de problemas do sentido do mundo e da vida².

A experiência e a intuição humana não aceitam naturalmente a ideia de acaso, porque no fundo a alma de cada pessoa anseia por uma ordem superior e transcendente. No íntimo de cada ser brota uma clara percepção de que existem leis que governam o universo, tanto leis naturais quanto morais. Isso espelha a natureza criada por Deus, com a sua sintonia fina, beleza e grandiosidade (Sl 19). Agostinho de Hipona captou isso ao dizer: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”.

Diante dessa realidade, todos nós desenvolvemos uma *weltanschauung* que adquirimos a partir da reflexão criteriosa ou de modo subconsciente ao longo dos anos, como resultado de nossas experiências pessoais e socioculturais. Isso porque, como lembrou George Barna:

Sem uma cosmovisão não conseguiríamos tomar as centenas de decisões diárias que tomamos, pois uma opção seria tão atraente quanto qualquer outra. Até mesmo nas pequenas escolhas, baseamo-nos em nosso senso de certo e errado, de bom e mau, de útil e desnecessário, de apropriado e inconveniente, a fim de conseguirmos o que pensamos serem as escolhas mais acertadas. Desde ainda bem pequenos, ao sairmos do útero materno, começamos a desenvolver a compreensão de como a vida acontece e as melhores opções a adotar³.

²SANTOS, Mário Ferreira. *Filosofia e cosmovisão*. São Paulo: É Realização, 2018, p. 124.

³BARNA, George. *Pense como Jesus*: como pensar, decidir e agir em sintonia com Deus. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 28.

É exatamente a cosmovisão básica de uma pessoa que vai norteá-la diante das situações mais importantes da sua vida. Quando o casamento vai mal, qual a decisão a ser tomada? A infidelidade é normal? Como deve ser encarada a questão do aborto e do homossexualismo? Qual a forma de proceder no trabalho? Como educar os filhos? Como encarar e resolver o problema da violência? Quais os princípios que devem nortear a economia, a distribuição de renda, a educação e o Direito?

Frente a tais situações práticas, os indivíduos tomam suas decisões baseando-se naquilo que compreendem como sendo verdadeiro ou falso; certo ou errado; justo ou injusto; adequado ou inadequado.

Cosmovisão e suas consequências

Do que vimos até aqui, não é difícil intuir que cosmovisões têm consequências, dada a sua natureza orientadora e prática. Guilherme de Carvalho compara a visão de mundo à raiz de uma árvore — outro símbolo revelador — onde as crenças (pressupostos) nutrem valores (o tronco). Esses valores, por sua vez, moldam o comportamento (galhos) dos indivíduos, culminando nas consequências (frutos).



A cosmovisão e os valores que temos, escreve Carvalho, determinam a nossa história, e não o contrário. “Muitas vezes, tem-se tentado

solucionar os problemas apenas ao nível das consequências, ou seja, atuando nos “frutos” da árvore. Arrancamos o fruto, mas ele volta a nascer e crescer, porque a raiz não foi transformada”⁴.

Podemos notar na ilustração que os frutos são somente o resultado direto das crenças primárias de uma pessoa; os seus pressupostos básicos que dão sustentação e estabilidade à árvore.

O próprio Jesus em um dos seus ensinamentos, referindo-se aos falsos profetas, afirmou que uma árvore é conhecida pelos seus frutos. “Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, a árvore boa dá bons frutos, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons” (Mt 7.15-20, NVI). O Mestre mostra a relação consequencial entre a natureza da árvore (pressupostos/raiz) e os seus frutos (resultado), tal qual ocorre na cosmovisão de uma pessoa e os seus efeitos.

Um exemplo que sintetiza essa verdade está no livro de 1889 do romancista francês Paul Bourget, intitulado *O discípulo*, conforme nos conta Dallas Willard.

O livro narra a história de um importante filósofo e psicólogo, que vivia basicamente absorto em coisas “meramente” acadêmicas. Ele morava em seu apartamento e a sua rotina consistia basicamente em refeições, passeios, cafés e aulas e, três vezes por semana, recebia visitas de professores e alunos das quatro às seis, depois jantava, fazia uma curta caminhada. Depois, trabalhava um pouco mais e ia se deitar pontualmente às dez horas. Era a existência de um erudito inofensivo que, nas palavras de sua empregada, “não machucaria uma mosca”.

Entretanto, um dia ele foi chamado a prestar depoimento em um inquérito policial sobre um de seus ex-alunos, um rapaz brilhante que costumava ir à casa de seu mestre para aprender e embriagar-se em discussões iluminadoras e libertadoras. Na prisão, enquanto aguardava o julgamento por homicídio, o jovem rapaz escreveu ao seu mestre falando sobre aquilo que havia feito e sobre como todas as teorias aprendidas e discutidas no ambiente acadêmico foram colocadas em

⁴ CARVALHO, Guilherme. *O que é uma cosmovisão?* Disponível em:

⁴<http://www.ebah.com.br/content/ABAAe4PYAI/cosmovisao-crista>. Acesso em 15 de abril de 2013.

prática por ele. Ao final, Willard diz que “só raramente as consequências envolvem assassinato, mas os acontecimentos do mundo e da vida das pessoas navegam sobre as águas de um mar ideológico. As matanças no Camboja procedem de discussões filosóficas em Paris”⁵.

Também podemos lembrar de Adolf Hitler, um caso extremo que mostra o perigoso poder de cosmovisões distorcidas. Ele escreveu em *Mein Kampf*:

O mais forte deve dominar, não se igualar ao mais fraco, o que significaria o sacrifício de sua própria natureza humana. Somente o indivíduo que é fraco de nascimento pode entender este princípio como cruel. E, se faz isso, é meramente porque é de natureza mais fraca e de mente mais obtusa, pois se essa lei não direcionasse o processo de evolução, o desenvolvimento superior da vida orgânica não seria concebível de forma alguma [...] Se a natureza não deseja que os indivíduos mais fracos se igualem aos mais fortes, deseja ainda menos que uma raça superior se misture com uma inferior, porque nesse caso todos os seus esforços, ao longo de centenas de milhares de anos, para estabelecer um estágio evolutivo mais alto do ser, podem-se traduzir em inutilidade” [Mein Kampf, p. 161-2]⁶.

As ideias de Hitler sobre a superioridade da raça ariana e suas teses racistas e antisemitas foram responsáveis pelo genocídio de milhares de pessoas, desencadeando, inclusive, a 2ª Guerra Mundial. Norman Geisler também escreve que “as convicções fortes de homens como Hitler e Mengele mostram que a maneira de ver o mundo (cosmovisão) pode mudar a face deste mundo”, por isso, entender o que as diferentes cosmovisões ensinam e as consequências lógicas de cada uma é crucial⁷.

A necessidade de compreender a nossa cosmovisão

Se nossas cosmovisões influenciam diretamente nossas ações e reações diante da sociedade, é particularmente importante conhecer

⁵ WILLARD, Dallas. *Conspiração Divina*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 27.

⁶ GEISLER, Norman, BOCCHINO, Peter. *Fundamentos inabaláveis*. São Paulo: Vida, 2003, p. 54.

⁷ Idem.

aquilo em que cremos e por quê, assim como o que fundamenta a nossa prática de vida. Essa questão é de extrema relevância especialmente nos nossos dias, diante do surgimento de tantas ideologias e estilos de vida que surgem na pós-modernidade. Sem refletir, muitos aceitam essas crenças e as colocam em prática sem antes fazerem uma reflexão profunda sobre as suas implicações para a vida como um todo. Esse é o motivo pelo qual Michael Palmer diz que a cosmovisão de algumas pessoas só existe no sentido de que herdaram um conjunto de crenças e práticas de sua família e comunidade imediata

Elas não entendem suas crenças e não alcançam o significado maior de suas ações. Acreditam e agem de forma não crítica e ingênua em vez de um modo autorreflexivo. Na grande maioria das vezes explicarão por que acreditam ou fazem algo, referindo-se às tradições da família, aos padrões da igreja ou à afiliação partidária política. Em resumo, elas só têm uma cosmovisão no sentido de que outra pessoa a impôs nelas, e não porque elas refletiram cuidadosamente sobre as questões importantes e escolheram sua cosmovisão⁸.

Por isso, algumas dessas ideias são tão desconexas e sem sentido que não precisam nem mesmo de uma investigação mais detalhada para expor as suas incoerências. Ainda assim, vivendo em uma cultura sensorial e emotiva como a nossa, poucos estão preocupados e interessados em refletir sobre suas próprias cosmovisões. Um poema satírico intitulado *Creed* (Credo), do jornalista inglês Steve Turner, exemplifica essa realidade:

Cremos em Marx e Freud e Darwin.
Cremos que tudo está bem,
Desde que você não prejudique ninguém,
quanto você possa definir prejudicar,
e quanto você possa saber.
Cremos no sexo antes, durante e depois do casamento.
Cremos na terapia do pecado.

⁸ PALMER, Michael D. (Org.). *Panorama do pensamento cristão*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 23.

Nós Precisamos de um Mapa para Andar pelo Mundo

Cremos que o adultério é uma brincadeira.
Cremos que a sodomia é correta.
Cremos que os tabus são tabus.
Cremos que tudo está ficando melhor,
Apesar da evidência contrária.
A evidência precisa ser investigada,
E não se pode provar nada com evidência.
Cremos que há algo nos horóscopos,
Nos OVNI's e nas colheres entortadas;
Jesus era um homem bom, como Buda,
Maomé e nós mesmos.
Ele foi um bom mestre de moral, embora achemos
Que o seu bom ensino moral era nocivo.
Cremos que após a morte vem o nada,
Porque, quando você pergunta aos mortos o que acontece, eles
não dizem nada.
Se a morte não é o fim, se os mortos mentiram então o céu é
compulsório para todos, exceto, talvez, Hitler, Stalin e Genghis
Khan.
Cremos em Masters e Johnson.
O que se seleciona é a média.
O que é a média é normal.
O que é normal é bom.
Cremos no desarmamento total.
Cremos que há elos diretos entre a guerra e o derramamento de
sangue.
Os americanos deveriam fundir as suas armas e transformá-las
em tratores, e certamente os russos os imitariam.
Cremos que o homem é essencialmente bom.
É somente o seu comportamento que o faz cair.
É culpa da sociedade.
A sociedade é o defeito das condições.
As condições são o defeito da sociedade.
Cremos que o homem deve descobrir a verdade que é certa para ele.
Consequentemente, a realidade se adaptará.
O universo se reajustará.
Cremos que não há verdade absoluta,

Exceto esta:

Não há verdade absoluta.

Cremos na rejeição dos credos, e no florescer do pensamento individual.

Esse “credo” é um tipo de salada ideológica pluralista, assimilada e digerida por grande parte de adolescentes, jovens e adultos do nosso tempo, ainda que de modo inconsciente.

Em razão da sua natureza caída, no entanto, o homem é tendente a se esquecer de Deus e construir uma cosmovisão que distorce a realidade e que o leva para o abismo. As pessoas formam suas visões de mundo a partir de letras de músicas, campanhas publicitárias, frases retiradas das redes sociais e até mesmo de enredos de filmes. Afinal, como afirmou Dallas Willard, vivemos sufocados por *slogans*, em que acontecimentos, coisas e informações nos afogam, nos subjugam, desorientando-nos com ameaças e possibilidades acerca das quais a maioria de nós não sabe o que fazer. Ele diz que “comerciais, *slogans*, bordões políticos e pretensiosos rumores intelectuais atulham o nosso espaço mental e espiritual. As nossas mentes e os nossos corpos ‘pegam’ essas coisas como um terno escuro pega fiapos”⁹.

Isso explica o motivo pelo qual um sem-número de pessoas adere a “causas” e participa de movimentos e abaixo-assinados sem saber, de fato, os seus fundamentos, uma vez que se deixaram influenciar pelo efeito viral de crenças, ideias e boatos que se propagam com imensa facilidade.

Esse fenômeno também ocorre com a religiosidade.

No livro *O Deus de Barack Obama*, Stephen Mansfield, ao usar como exemplo a fé do primeiro presidente negro dos Estados Unidos, diz que, hoje, com relação à religião, a maioria dos jovens tem uma postura pós-moderna, o que significa dizer que eles encaram a fé de um modo parecido ao jazz: informal, eclético e, muitas vezes, sem um tema específico. Basicamente, eles “costumam rejeitar uma religião organizada, privilegiando uma mescla religiosa que funcione para eles. Para esses jovens, não há nada demais em construir a própria fé juntando tradições de religiões totalmente diferentes, e muitos formam

⁹ WILLARD, 2010, p. 29.

COSMOVISÃO PENTECOSTAL

Cosmovisão é a forma como ordenamos mental e afetivamente o mundo à nossa volta em busca por significado, propósito e verdade.

Ela é moldada por fatores históricos, culturais e sociais e varia significativamente entre diferentes épocas e contextos culturais. A visão de mundo que construímos norteia nosso agir diante das situações mais importantes de nossa vida, pois é ela que nos define o que seria verdadeiro ou falso; certo ou errado; justo ou injusto; adequado ou inadequado.

Partindo desse princípio, uma pessoa cristã guiada pelo Espírito vê o mundo com outros olhos, um olhar pentecostal.

É exatamente essa questão que Valmir Nascimento pretende abordar nessa necessária e relevante obra, *Cosmovisão Pentecostal*.

Dividido em duas partes, a saber: 1) Fundamentos da Cosmovisão Pentecostal e 2) Cosmovisão Pentecostal Aplicada, esta consistente obra é uma reflexão sobre como a fé pentecostal pode moldar nossa forma de pensar, viver e engajar-se com o mundo.

Trata-se de uma consistente reflexão sobre como a fé pentecostal pode moldar nossa forma de pensar, viver e atuar no mundo à nossa volta.



CPAD
cpad.com.br



CPADvideo



editoraCPAD



editora_cpad



EditoraCPAD

2586 978-65-5568-440-3



7 908234 019397